

## PROJEÇÃO DE RECEITAS, CUSTOS E DESPESAS NOS PROJETOS DE VIABILIDADE ECONÔMICO-FINANCEIRA

*Waldomiro Piedade Filho\**

### Introdução

O presente trabalho tem por finalidade demonstrar a projeção de receitas, custos e despesas nos projetos de viabilidade econômico-financeira/plano de negócio e discutir a projeção do item *despesas financeiras*. Para tanto, faz-se uso de um exemplo hipotético de implantação do projeto/plano de negócio de uma empresa do ramo industrial — setor de confecções — denominada Confecções Irma.

A projeção de receitas, custos e despesas reúne todos os elementos básicos do projeto: mercado, engenharia e localização, agrupando-os em termos financeiros para posterior avaliação econômica. Na colocação de Buarque (1984:104):

*O objetivo central do estudo de um projeto é determinar se o resultado que ele produz compensa a soma*

---

\* Waldomiro Piedade Filho é doutorando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo—PUC/SP e professor na Faculdade São Luís e na PUC/SP.

*dos esforços e recursos despendidos na atividade produtiva, definida fisicamente pela etapa da engenharia. Para responder a essa questão e poder comparar resultados e meios (ou seja: produtos e insumos) é necessário transformar os múltiplos componentes do processo produtivo em seus correspondentes valores monetários estimados.*

Essa projeção engloba, sinteticamente, os seguintes itens (em bases anuais): Receita Operacional Total (Receita de Vendas), Impostos incidentes sobre as Vendas, Custos Industriais (aqueles relativos à produção), Despesas de Vendas e Despesas Administrativas e Imposto de Renda. Após a projeção de todos itens mencionados, chega-se aos resultados líquidos projetados para todo o horizonte do projeto.

A partir desses resultados líquidos projetados, efetua-se a projeção dos fluxos de caixa para cada período (ano) correspondente, utilizando-se, geralmente, o método do resultado ajustado. Esse método, para projeção de fluxos de caixa, é utilizado para projeções de longo prazo, e pressupõe ajustes a serem feitos nos resultados líquidos projetados para encontrar-se os saldos finais de caixa, os quais servirão de base para avaliação econômica do projeto.

### **Informações para as projeções**

Comumente, para o horizonte de projeção, considera-se o período de oito anos, a uma base de preços constante. As projeções econômico-financeiras também podem ser feitas à base de preços correntes.

O programa de produção/vendas é decorrente dos estudos de mercado feitos antecipadamente, assim como a projeção de crescimento anual das vendas, o preço unitário de venda líquido, os custos e as despesas. Os investimentos líquidos foram dimensionados pela área técnica e os preços considerados foram os orçados por ocasião da elaboração do projeto.

### **Projeção das vendas**

O processo de projeção de vendas leva em conta dentre os fatores: parcela de mercado da empresa, capacidade de produção e distribuição, capacidade dos concorrentes, estratégias de preços, políticas governamentais, campanhas publicitárias, descontos promocionais etc.

Para a projeção das receitas (vendas) discriminam-se os produtos a serem fabricados, as unidades a serem consideradas (quilos, toneladas, peças etc.) e multiplica-se pelo preço unitário projetado, mantendo-se o preço constante para todo o horizonte do projeto.

No caso da Confecções Irma (conforme tabela 1, a seguir) considerou-se o preço de venda unitário líquido = R\$ 21,00 e o total das vendas do produto único (lençol/fronha) para o ano 1 = 55.200 jogos. A alíquota dos impostos incidente sobre as vendas foi de 19%. O total das vendas líquidas em Reais somado ao total dos Impostos fornece o total da Receita Operacional Bruta projetada ano a ano.

Observa-se que a projeção considera o crescimento anual projetado de 2% até o quinto ano, permanecendo constante a partir desse ano até o oitavo ano (último ano da projeção), conforme as informações fornecidas anteriormente.

*Tabela 1. Projeção das vendas*

Discriminação	ano 1		ano 2		ano 3		ano 4		ano 5 em diante	
	Qtidade	Valor	Qtidade	Valor	Qtidade	Valor	Qtidade	Valor	Qtidade	Valor
Lençol solteiro	55.200	1.159.200	56.304	1.182.384	57.430	1.206.032	58.579	1.230.152	59.750	1.254.755
Impostos s/ vendas		220.248		224.653		229.146		233.729		238.404
Receita Op. Bruta	55.200	1.379.448	56.304	1.407.037	57.430	1.435.178	58.579	1.463.881	59.750	1.493.159

### Projeção dos Custos e Despesas Variáveis

Para a projeção dos custos industriais variáveis, a metodologia é semelhante, ou seja, consideram-se os custos variáveis unitários, efetuam-se os cálculos necessários e faz-se a projeção a preços constantes, conforme tabela 2 (a seguir).

Os preços e índices técnicos considerados foram os seguintes: preço do metro do tecido: R\$5,00; consumo de tecido por jogo de lençol/fronha: 1,90 m.; consumo de linha por lençol/fronha: R\$0,35; preço da etiqueta: R\$0,01; preço da embalagem plástica (uma por jogo produzido): R\$1,03; Caixa de papelão (uma caixa para 10 jogos): R\$1,50; energia elétrica por jogo: R\$0,07 e Comissão de vendas (sobre a Receita Operacional Líquida anual): 5%.

*Tabela 2. Projeção dos custos e despesas variáveis*

Discriminação	ano 1		ano 2		ano 3		ano 4		ano 5 em diante	
	Qtidade	Valor Em \$1	Qtidade	Valor Em \$1						
Tecido	55.200	524.400	56.304	534.888	57.430	545.586	58.579	556.497	59.750	567.627
Linha	55.200	19.320	56.304	19.706	57.430	20.101	58.579	20.503	59.750	20.913
Etiqueta	55.200	552	56.304	563	57.430	574	58.579	586	59.750	598
Emb. Plástica	55.200	56.856	56304	57.993	57.430	59.153	58.579	60.336	59.750	61.543
Caixa de Papel	5.520	8.280	5.630	8.446	5.743	8.615	5.858	8.787	5.975	8.963
Energia Elétrica	55.200	3.864	56304	3.941	57.430	4.020	58.579	4.101	59.750	4.183
Comissão de Vendas	55.200	57.960	56304	59.119	57.430	60.302	58.579	61.508	59.750	62.738
<b>Total</b>		<b>671.232</b>		<b>684.657</b>		<b>698.350</b>		<b>712.317</b>		<b>726.563</b>

### Projeção das despesas anuais de depreciação e os Investimentos

Segundo Behrens e Hawranek (1992:250): *O investimento pode ser definido como um compromisso de longo prazo de recursos econômicos com o objetivo de produzir e obter ganhos líquidos no futuro.* Spínola (2000:317), ao conceituar depreciação, assevera: *A depreciação constitui, também, um custo não caixa, porque não representa um desembolso efetivo de recursos, um pagamento.*

Para a projeção das despesas anuais de depreciação, considerou-se os seguintes itens de investimento e suas respectivas alíquotas anuais de depreciação: Terreno: R\$200.000,00 (alíquota: zero por cento); Construção civil e instalações: R\$180.000,00 (alíquota de 4% ao ano); Equipamentos: R\$40.000,00 (alíquota de 10% ao ano); Móveis e utensílios: R\$14.000,00 (alíquota de 10% ao ano); Instalações: R\$ 16.000,00 (alíquota de 10 % ao ano); Computadores: R\$7.000,00 (neste caso também considerou-se a alíquota de 10% ao ano ao invés de 20%).

A tabela 3, na página seguinte, mostra o valor do investimento depreciável, a despesa de depreciação anual, a depreciação acumulada em oito anos e o valor residual, para cada bem, ao final do oitavo ano.

### Projeção dos Custos Fixos Anuais

Os custos e despesas fixas permanecem fixos para todo o horizonte de projeção (oito anos) e são os seguintes: salário do chefe da produção:

*Tabela 3. Projeção das despesas de depreciação*

Discriminação	Valor do investimento depreciável	Despesa de depreciação anual (fixa)	Depreciação acumulada em 8 anos	Valor residual ao final do 8º ano
Construção civil e instalações	180.000	7.200	57.600	122.400
Equipamentos	40.000	4.000	32.000	8.000
Móveis e utensílios	14.000	1.400	11.200	2.800
Instalação	16.000	1.600	12.800	3.200
Computadores	7.000	700	5.600	1.400
<b>Total</b>	<b>257.000</b>	<b>14.900</b>	<b>119.200</b>	<b>137.800</b>

R\$1.000,00/mês; salário das costureiras: R\$600,00/mês; número de costureiras: cinco; salário da auxiliar de costura: R\$350,00/mês; número de auxiliares de costura: duas; Salário da ajudante geral: R\$280,00/mês; salário da gerência: R\$3.000,00/mês; número de gerentes: dois; salário do contador: R\$2.000,00/mês; salário do auxiliar administrativo geral: R\$900,00/mês; salário da recepcionista/telefonista: R\$600,00/mês; encargos sociais incidentes sobre os salários: 75%; água e esgoto: estimativa por mês R\$120,00; despesas de manutenção: estimativa mensal R\$152,00; material de expediente: estimativa mensal R\$76,00; despesas administrativas diversas: R\$150,00 por mês; despesas diversas de vendas: estimativa de gasto anual R\$10.000,00; despesa de propaganda e publicidade: estimativa de gasto anual: R\$12.000,00.

A projeção da despesa de depreciação anual é baseada no valor projetado constante na tabela 3. A tabela 4, a seguir, compila os valores descritos anteriormente:

*Tabela 4. Projeção dos custos fixos*

Discriminação	Ano 1 em diante
Salário do chefe de produção	12.000
Salário das costureiras	36.000
Salário dos auxiliares de costura	8.400
Salário da ajudante	3.360

*Tabela 4. Projeção dos custos fixos (continuação)*

Discriminação	Ano I em diante
Salários da gerência	72.000
Salário do Contador	24.000
Salário do auxiliar	10.800
Salário da Recepcionista	7.200
Encargos sociais	130.320
Água	1.440
Manutenção	1.824
Material de expediente	912
Despesas Diversas Administrativas	1.800
Despesas Diversas de Vendas	10.000
Propaganda e publicidade	12.000
Despesa de depreciação anual (tabela 3)	14.900
<b>Total</b>	<b>346.956</b>

### Projeção dos Resultados

A projeção de resultados anuais abrange as informações obtidas nas tabelas 1 a 4 e, considerando uma alíquota de imposto de renda de 25%, permite verificar o lucro projetado ano a ano.

Um ponto discutido na literatura sobre projeções de receitas e custos refere-se à projeção das despesas financeiras. A esse respeito Melnick (1972:165) afirma que em suas pesquisas feitas em diversos projetos de investimento a rubrica juros não recebe uma consideração uniforme e coloca:

*Nos livros de contabilidade não se atribuem juros para o capital próprio da empresa; são registrados apenas os efetivamente pagos. Dado assim um determinado esquema financeiro do projeto, os juros a serem pagos são calculados de acordo com o referido projeto. Todavia, este critério é inadequado, já que não se pode pretender julgar as vantagens intrínsecas de um projeto em função dos esquemas financeiros a ele atribuídos (...) Quanto aos juros,*

*existe, em princípio, duas maneiras simples de igualar as condições: incluir os juros para todo o capital em jogo, próprio ou emprestado, ou não considerar juro algum.*

Saliente-se que a metodologia de análise denominada EVA (*Economic Value Added*) considera a despesa financeira de capitais de terceiros e próprios como despesa financeira do empreendimento.

O Manual de projetos da UNIDO (1987:209), ao tratar do financiamento do projeto, considera a necessidade da escolha entre várias alternativas de projeto com diferentes estruturas de capital e enfatiza:

*(...) é recomendável que se prepare a análise da lucratividade não só do capital social, mas também do investimento total (capital mais empréstimos), isto é, o lucro líquido após os impostos mais os custos financeiros divididos pelo investimento total.*

Outro autor que aborda o assunto relativo aos juros do projeto é Barros (1991:63), que assim se manifesta:

*(...) a avaliação de um projeto não deve ser apreciada num cálculo onde intervenham considerações de financiamento, isto é, é necessário que nos asseguremos do valor intrínseco de um investimento antes de introduzir os mecanismos puramente financeiros. Contudo, e no que respeita aos encargos financeiros, eles não devem ser tomados em consideração fundamentalmente pelas duas razões seguintes: são automaticamente tomados em consideração da técnica de atualização (valor atual líquido) e incluí-los no cash flow seria tomá-los em conta duas vezes e, por outro lado, um critério de rentabilidade deve estar em conformidade com aquilo que diga respeito à empresa em si mesma e não por recorrência a considerações externas. No entanto, eles devem ser considerados para obtenção do lucro líquido de exploração e conseqüente apuramento dos impostos, sendo-lhes posteriormente dado o mesmo tratamento que foi dado às amortizações, isto é, adiciona-los ao lucro líquido depois dos impostos.*

Os autores Brigham, Gapenski & Ehrhardt (2000:456) consideram que despesas financeiras não são incluídas nos fluxos de caixa do projeto. Cada fluxo de caixa do projeto é descontado pelo custo de capital e esse é uma média ponderada dos custos do exigível e do capital próprio (WACC — custo médio ponderado de capital), ajustado pelo risco do projeto.

*Além disso, o WACC é a taxa de retorno necessária para satisfazer a todos os investidores da empresa — credores e acionistas. O*

*processo de desconto reduz os fluxos de caixa para levar em conta os custos do capital, tanto o custo de exigível como do capital próprio. Se as despesas financeiras fossem inicialmente deduzidas e os fluxos de caixa resultantes fossem descontados, isso resultaria em dupla contagem do custo do exigível. Portanto, você não deve subtrair as despesas financeiras quando buscar os fluxos de caixa de um projeto.*

Já diversos autores, tais como: Buarque (1984), Clemente (1998), Machado (2002), Santos (2002) e Spínola (2000) consideram a projeção das despesas financeiras na projeção dos resultados do projeto de investimento.

Neste caso específico do exemplo da Confecções Irma, considerou-se que o projeto será financiado inteiramente com recursos próprios, não havendo, portanto, despesas financeiras decorrentes de eventuais financiamentos de terceiros. No entanto, recomenda-se que para analisar e avaliar o impacto dos encargos financeiros de um projeto que seja financiado também por capitais de terceiros, além do capital próprio, faça-se uma projeção adicional de resultados, acrescentando-se no item de despesas as despesas financeiras do financiamento e, em seguida, fazer-se uma projeção dos fluxos de caixa anuais para avaliar-se o impacto que as referidas despesas ocasionam no projeto em análise, em termos de saldos projetados de caixa e capacidade financeira de pagamento das dívidas.

A tabela 5, a seguir, mostra a projeção de resultados anuais para a Confecções Irma:

*Tabela 5. Projeção dos resultados*

Discriminação	ano 1	ano 2	ano 3	ano 4	ano 5 em diante
Receita Operacional Bruta (T. 1)	1.379.448	1.407.037	1.435.178	1.463.881	1.493.159
Impostos sobre vendas (T. 1)	220.248	224.653	229.146	233.729	238.404
Receita Operacional Líquida (T. 1)	1.159.200	1.182.384	1.206.032	1.230.152	1.254.755
Custos Variáveis (T. 2)	671.232	684.657	698.350	712.317	726.563
Margem de Contribuição	487.968	497.727	507.682	517.836	528.192
Custos Fixos (T. 4)	346.956	346.956	346.956	346.956	346.956
Lucro Antes do I. Renda	141.012	150.771	160.726	170.880	181.236
Imposto de Renda	35.253	37.693	40.181	42.720	45.309
Lucro Líquido Projetado	105.759	113.079	120.544	128.160	135.927

### Projeção de Investimento em Capital de Giro

No projeto de investimento é necessário considerar a projeção de investimento em capital de giro em decorrência das operações projetadas anualmente. Uma das formas de efetuar-se a projeção referida é considerar-se os dias de vendas, ou de receita operacional bruta para projetar-se cada item do ativo circulante e do passivo circulante. A metodologia implica dividir o valor total da Receita Operacional bruta (ROB) do ano 1 por 360 dias e multiplicar pelo número de dias estimado para achar o valor do capital de giro líquido necessário projetado para o ano 1.

Dessa forma, considerou-se: caixa e bancos: 5 dias de ROB; duplicatas a receber: 30 dias de ROB; estoque de matéria prima: 10 dias de ROB; estoque de produtos acabados: 5 dias de ROB; fornecedores: 20 dias de ROB. Para a projeção dos impostos sobre as vendas considerou-se o total dessa rubrica para o ano 1 (obtido na tabela 1) e dividiu-se o mesmo por 360 dias; a seguir multiplicou-se pelo número de dias estimado (no caso, 20 dias). Para a projeção do item contribuições sociais considerou-se o total dessa rubrica para o ano 1 (obtido na tabela 4) e dividiu-se este por 360 dias; a seguir multiplicou-se pelo número de dias estimado (no caso, 15 dias).

O Capital de Giro líquido para o primeiro ano de atividades projetado é obtido pela diferença entre o *total dos usos* e o *total das fontes*. Esse total projetado será considerado na composição do investimento inicial do projeto (tabela 8) para avaliação deste.

Os totais obtidos para os anos 2 em diante serão considerados na tabela 7 (projeção de fluxo de caixa). A tabela 6, a seguir, mostra a projeção das necessidades de capital de giro líquido para os diversos anos do horizonte do projeto da Confecções Irma:

*Tabela 6. Projeção de capital de giro*

Discriminação	ano 1	ano 2	ano 3	ano 4	ano 5 em diante
<b>USOS</b>					
Caixa e bancos (a)	19.159	19.542	19.933	20.332	20.738
Duplicatas a receber (a)	114.954	117.253	119.598	121.990	124.430
Estoques de matéria prima (a)	38.318	39.084	39.866	40.663	41.477

*Tabela 6. Projeção de capital de giro (continuação)*

Discriminação	ano 1	ano 2	ano 3	ano 4	ano 5 em diante
<b>USOS</b>					
Estoques de produtos acabados (a)	19.159	19.542	19.933	20.332	20.738
<b>Total dos Usos</b>	<b>191.590</b>	<b>195.422</b>	<b>199.330</b>	<b>203.317</b>	<b>207.383</b>
<b>FONTES</b>					
Fornecedores (a)	76.636	78.169	79.732	81.327	82.953
Impostos sobre vendas (b)	12.236	12.481	12.730	12.985	13.245
Contribuição social (c)	5.430	5.430	5.430	5.430	5.430
Soma das Fontes	94.302	96.079	97.892	99.742	101.628
Capital de giro líquido (d)	97.288	99.342	101.438	103.575	105.755
<b>Total das Fontes</b>	<b>191.590</b>	<b>195.422</b>	<b>199.330</b>	<b>203.317</b>	<b>207.383</b>

### Projeção dos fluxos de caixa

Segundo Brasil (2000:44):

*O fluxo de caixa consiste no resultado do confronto das entradas e saídas esperadas de recursos de determinado investimento. Todos os seus componentes são expectacionais. O investimento ainda não existe. Só existe seu projeto. Trata-se, portanto, de fluxos de caixa esperados ou fluxos de caixa projetados. Quando um investimento está em fase de execução, os fluxos de caixa passam a ser reais e são levantados enquanto as diversas decisões estratégicas e operacionais são tomadas durante a sua vida útil.*

Relativamente à depreciação Brigham & Houston (1999:36) colocam:

*A depreciação é um encargo anual sobre a receita, que reflete o custo estimado, em moeda, dos bens de capital consumidos no processo de produção (...). A depreciação é uma despesa não-desembolsada, de modo que precisa ser somada ao lucro líquido para se obter o fluxo de caixa das operações.*

A projeção dos fluxos de caixa anuais do projeto da Confecções Irma é realizada utilizando-se o método de projeção de fluxos de caixa

denominado *método dos resultados líquidos ajustados* e considerando-se os seguintes elementos: projeção do lucro líquido anual (obtido na tabela 5); projeção do total das despesas de depreciação anuais (obtido na tabela 3); distribuição anual dos lucros: considerado, neste caso, o percentual de 20% sobre os lucros líquidos anuais projetados; capital de giro líquido adicional (a partir do ano 2), obtido pela diferença entre o capital de giro projetado para o ano 2 e o capital de giro projetado para o ano 1, e assim por diante. O saldo de caixa projetado anualmente refere-se à diferença entre o total das entradas projetado e o total das saídas projetado. A tabela 7, a seguir, mostra a projeção dos fluxos de caixa anuais da Confecções Irma:

*Tabela 7. Projeção dos fluxos de caixa*

Discriminação	ano 1	ano 2	ano 3	ano 4	ano 5	ano 6	ano 7	ano 8
<b>ENTRADAS</b>								
Lucro Líquido Anual (Tabela 5)	105.759	113.079	120.544	128.160	135.927	135.927	135.927	135.927
Depreciação Anual (Tabela 3)	14.900	14.900	14.900	14.900	14.900	14.900	14.900	14.900
<b>Total das Entradas (1)</b>	<b>120.659</b>	<b>127.979</b>	<b>135.444</b>	<b>143.060</b>	<b>150.827</b>	<b>150.827</b>	<b>150.827</b>	<b>150.827</b>
<b>SAÍDAS</b>								
Distribuição dos lucros	21.152	22.616	24.109	25.632	27.185	27.185	27.185	27.185
Capital de giro adicional (Tabela 7)(a)		2.054	2.095	2.137	2.180	0	0	0
<b>Total das Saídas (2)</b>	<b>21.152</b>	<b>24.670</b>	<b>26.204</b>	<b>27.769</b>	<b>29.366</b>	<b>27.185</b>	<b>27.185</b>	<b>27.185</b>
<b>SALDO DE CAIXA (1) menos (2)</b>	<b>99.507</b>	<b>103.308</b>	<b>109.240</b>	<b>115.290</b>	<b>121.462</b>	<b>123.642</b>	<b>123.642</b>	<b>123.642</b>

### Diagrama de caixa para avaliação do projeto

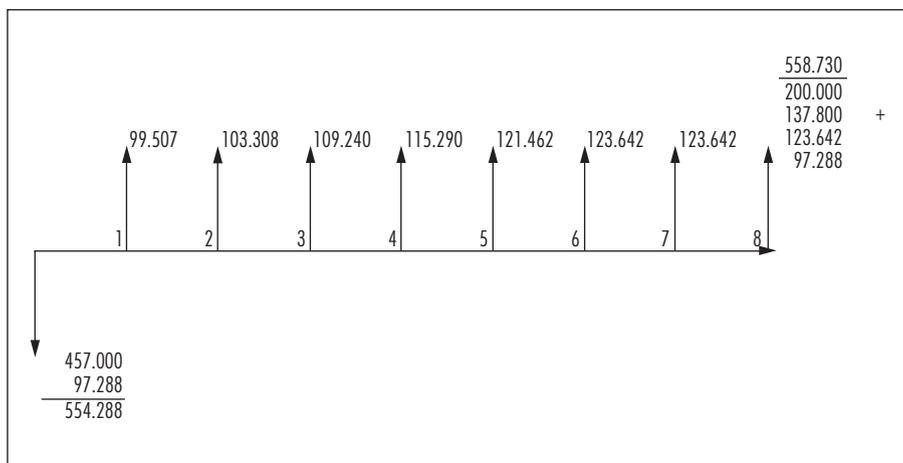
A figura 1 mostra o diagrama de caixa para a avaliação do projeto. No momento zero consideram-se os valores do investimento inicial do projeto composto de: investimentos fixos, conforme dados para a composição da tabela 3; projeção do capital de giro líquido para o ano 1, conforme valor calculado, constante na tabela 6.

Para as entradas de caixa consideram-se os valores obtidos na tabela 7 — projeção do fluxo de caixa — relativos aos saldos de caixa decorrentes das operações da empresa. Para o oitavo ano somam-se os se-

guintes valores à entrada de caixa operacional: valor original do terreno (sem nenhuma depreciação), valor residual dos investimentos fixo (obtido na tabela 3) e valor do capital de giro líquido para o primeiro ano (obtido na tabela 6).

Com os valores plotados no gráfico, a visualização proporcionada pelo diagrama de caixa completo (contemplando o começo, meio e fim do projeto) facilita o cálculo da taxa interna de retorno ou do valor presente líquido do projeto.

*Figura 1. Diagrama de caixa*



### Considerações finais

A projeção econômico-financeira é necessária para a elaboração de projetos de implantação de empreendimentos, de expansão de empreendimentos ou de planos de negócios.

Uma projeção econômico-financeira feita com esmero é um grande passo para o sucesso do empreendimento. Conforme Brigham & Houston (1999:531):

*As empresas bem administradas geralmente baseiam seus planos operacionais sobre um conjunto de projeções de demonstrações financeiras. O processo tem início com uma projeção de vendas para, normalmente, os próximos cinco anos. Depois determinam-se os ativos necessários. Nesse ponto, podem ser feitas projeções de*

*demonstrações de resultados e balanços patrimoniais e é possível prever lucros e dividendos por ação, bem como um conjunto de índices fundamentais.*

O caso desenvolvido neste trabalho não é complexo, mas assim foi construído convenientemente, para tornar-se didático; uma projeção econômico-financeira pode conter uma linha de diversos produtos, maior número de itens de custos e despesas etc., conforme as características de cada empreendimento a ser avaliado. A metodologia geral demonstrada é eficiente e eficaz, podendo ser adaptada para cada projeto/plano de negócio específico dos setores primários, secundários e terciários da economia, assim como para empreendimentos de diversos portes.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMS, R. M.(1994). *Business Plan: segredos e estratégias para o sucesso*. São Paulo: Érica.
- BEHRENS, W.; HAWRANEK P. M.(1991). *Manual for the preparation of Industrial Feasibility Studies*. Vienna: United Nations Industrial Development Organization.
- BARROS, H.(1991). *Análise de projetos de investimento*. Lisboa: Silado.
- BRASIL, H. G.(2000). *Avaliação moderna de investimentos*. Rio de Janeiro: Qualitymark,
- BRIGHAM E. F. & HOUSTON J. F. (1999). *Fundamentos da Moderna Administração Financeira*. Rio de Janeiro: Campus.
- BRIGHAM E. F., GAPENSKI L. C. & EHRHARDT, M. C. (2001). *Administração Financeira: Teoria e Prática*. São Paulo: Atlas.
- BUARQUE, C.(1984). *Avaliação econômica de projeto*. Rio de Janeiro: Campus.
- CLEMENTE, A. (Organizador).(1998). *Projetos Empresariais e Públicos*. São Paulo: Atlas.
- DORNELAS, J.C.A. (2001). *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus.
- LONGENECKER, J.G.; MOORE, C. W. & PETTY, J.W. (1997). *Administração de Pequenas Empresas*. São Paulo: Makron Books.
- LÓPEZ V. A. L. & SÁNCHEZ J. C. I.(2002). *Economía de la Empresa*. Coruña: Netbiblo.
- MACHADO, J. A. P.(2002). *Projetos Econômicos*. São Paulo: Nobel.
- MEJÍA, F.(1993). *Manual de Identificación, Preparación y Evaluación de Proyectos*. Santiago de Chile: Naciones Unidas.

- MELNICK, J.(1972). Manual de projetos de desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Fórum.
- PIEIDADE FILHO, W.(1987). *Parâmetros para Projeção de Receitas, Custos e Despesas nos Projetos de Viabilidade Econômico-Financeira: A experiência dos Bancos de Desenvolvimento*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado.
- SANTOS, V. Pereira dos.(2002). *Elaboração de Projetos — Teoria e Prática*. São Paulo: V. P. dos Santos.
- SIEGEL, E.S. (et al). (1996). *Guia da Ernest & Young para desenvolver o seu plano de negócios*. Rio de Janeiro: Record.
- SPÍNOLA, N. D. (2000). *Projetos Empresariais e Planejamento de Negócios*. Salvador: Edição do auto.
- UNIDO — Organização para o desenvolvimento industrial das Nações Unidas. (1987). *Manual de preparação de estudos de viabilidade industrial*. São Paulo: Atlas.